

**O FATOR SEMÂNTICO NA DERIVAÇÃO
PARASSINTÉTICA: A FORMAÇÃO DE ADJETIVOS**

Margarida BASÍLIO (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Universidade Federal do Rio de Janeiro)

ABSTRACT: This paper proposes a morphosemantic approach to parasyntesis and establishes this process as productive in adjective formation in Portuguese. The author studies Pref-X-ado, in-X-vel and Pref-X-Suf (adj) formations and argues that only assigning parasyntetic structures to these constructions can we account for the semantic interpretation of such complex adjective formations.

Em trabalho anterior (1), coloquei a necessidade de se rever o tratamento tradicional da derivação parassintética, mostrando que esse tratamento não abrange formações em que há dupla possibilidade de interpretação semântica. Neste artigo, a partir de um abordagem morfo-semântica, pretendo estudar a parassíntese na formação de adjetivos, analisando três casos: formações Pref-X-ado, formações in-X-vel e demais formações Pref-X-Sufixo formador de adjetivo.

A derivação parassintética é um processo de formação de palavras que consiste na adição simultânea de um prefixo e de um sufixo a uma base. A construção resultante apresenta um problema de análise morfológica: o de saber, dada uma seqüência prefixo/base/sufixo, se se trata de derivação pa-

rassintética ou de afixação a uma base já afixada.

O procedimento tradicional para o reconhecimento de casos de derivação parassintética se faz pela possibilidade ou não de se extrair um dos afixos da construção e ter como resultado uma palavra da língua. Assim, dada uma palavra com prefixo e sufixo, teremos um caso de derivação parassintética se, ao suprimirmos qualquer dos afixos, obtivermos uma forma não existente na língua. Por exemplo, a palavra **desalmado** é um caso de derivação parassintética, já que não temos *almado ou *desalma.

A base do procedimento é clara: se a supressão de um dos afixos resulta em forma não existente na língua, isso indica que a construção não pode ter sido feita pelo acréscimo de um afixo a uma base já afixada, pois a suposta base inexistente. O fundamento da proposição do processo de derivação parassintética é, portanto, a impossibilidade de se postular, para uma dada construção, derivação sufixal ou prefixal.

Dado que a derivação parassintética é um processo de formação mais complexo do que a afixação, o princípio está correto, mas o procedimento abrange apenas o aspecto morfológico da questão. De fato, dada uma construção morfológica a-b-c, e se a, b e c existem, e se $[a[b+c]]$ e/ou $[[a+b]c]$ são viáveis, não há por que analisar a-b-c como $[a[b]c]$, que seria uma estrutura/processo minoritária e mais complexa. Assim, a análise por derivação parassintética ($[a[b]c]$) só seria estabelecida na total impossibilidade de termos prefixação ($[a[b+c]]$) ou sufixação ($[[a+b]c]$). A idéia é impecável do ponto de

vista formal.

A derivação parassintética é um processo complexo de formação, não só morfologicamente mas também semanticamente, já que acopla a função semântica do prefixo com a função sintática e/ou semântica do sufixo.(2) Essa complexidade é bastante nítida em casos como *desalmado*, onde a função de *-ado*, de caracterizar um ser como possuidor virtual do que é expresso na base, é contrariada pela função semântica de negação do prefixo *des-* resultando da combinação o significado "sem alma" para o adjetivo.

O procedimento tradicional de reconhecimento de formações parassintéticas é insuficiente por tratar de apenas uma das faces da questão, a da possibilidade ou não de formação a partir da existência ou não de uma dada base de construção. Esse procedimento não cobre casos em que há evidência semântica de derivação parassintética, apesar de podermos encontrar palavras existentes na língua ao suprimirmos um dos afixos da construção.

Com a finalidade de representar o aspecto semântico de uma construção morfológica a-b-c qualquer, consideraremos A, B e C, como sendo respectivamente, a face semântica de a, b e c. Teremos então:

prefixação : [a[b+c]] e [A[B+C]]

sufixação : [[a+b]c] e [[A+B]C]

parassíntese : [a[b]c] e [A[B]C]

Assim, consideramos como prefixação casos em que o significado de uma forma é uma função da adição de A ao significado de [B+C]; como sufixação, casos em que o significado de uma forma é uma função da adição do significado

de C a um significado pré-existente [A+B]; e como derivação parassintética, casos em que o significado é uma função do acréscimo simultâneo e combinado de A e C a B.

Considere-se, por exemplo, o caso de **desdentado**, paralelo a **desalzado** exceto quanto ao fato de que existe em português o verbo **desdentar**. O significado da construção é "sem dente". Morfologicamente, existem em português **desdentar** ([a+b]) e **dentado** ([b+c]), além de **dente** ([b]). Semanticamente, no entanto, é questionável a interpretação [[A+B]C] ("paciente da ação de desdentar"); e impossível a interpretação [A[B+C]], que corresponderia a "contrário de dentado", já que **dentado** não se refere a seres humanos. O único significado indubitável é o de "sem dentes", que decorre da combinação semântica simultânea de des- com -ado, da mesma maneira que em **desalzado**. Devemos, portanto, estabelecer a análise [A[B]C] para **desdentado**, o que corresponde à derivação parassintética.

Este caso ilustra a insuficiência do procedimento tradicional para o tratamento de casos de derivação parassintética: dá-se atenção apenas ao aspecto morfológico, mas não ao aspecto semântico. Para um tratamento mais abrangente desse processo, devemos considerar como derivações parassintéticas não apenas as formações de que resultam palavras inexistentes na língua, mas também aquelas para as quais a supressão de um afixo resulta em palavras que, embora existentes na língua, se afastam-se da situação semântica prevista pela estrutura da construção.

Como resultado do tratamento tradicional da derivação parassintética,

considera-se em geral que este processo só é produtivo na formação de verbos. No que se segue, vamos analisar a extensão do fenômeno de derivação parassintética na formação de adjetivos.

Formações Pref-X-ado

a. Des-X-ado

Pelo tratamento tradicional, construções do tipo des-X-ado são analisadas ou como Particípio do verbo des-X-ar correspondente e, portanto, como derivações sufixais, ou como prefixais, isto é, construídas pelo acréscimo do prefixo des- ao particípio passado X-do pré-existente.

Já vimos que nessa abordagem nem sempre é satisfatória. Nesta seção pretendo analisar diferentes tipos de des-X-ado e mostrar que *desalmado* e *desdentado* não são casos excepcionais. Considerem-se os seguintes dados:

- | | |
|----------------|---------------------------------|
| (1) descascado | "paciente da ação de descascar" |
| desossado | "paciente da ação de desossar" |

Em (1), temos o Particípio Passado dos verbos correspondentes *descascar* e *desossar*. A estrutura correspondente é colocada em (2):

- (2) [a[b]c]V do]Adj
 [A[B]C]V PACIENTE]MOD(=PACIENTE DO ATO [A[B]C]) (3)

Já nos casos de (3), abaixo, o prefixo des- se adiciona a um Particípio,

- (3) desabituaado "contrário de habituaado"

desafinado "contrário de afinado"

tendo, portanto, a estrutura em (4):

- (4) [des[[b]Vdo]Adj
 [NEGAÇÃO CONTRÁRIA [[B]V
 CARACTERIZADO]MOD
 (=contrário de B-do)

Ao lado desses casos em que, a base é o adjetivo, podemos encontrar também casos em que a partir de uma substantiva b, temos a adição simultânea do prefixo des- e do sufixo -ado, como ilustrado em (5):

- (5) despudorado "sem pudor"
 desmiolado "sem miolo"

Esses casos correspondem à estrutura (6):

- (6) [des[b]S ado]Adj
 [NEG[B]PROVIDO]MOD (=sem B)

A este último grupo pertencem os exemplos já mencionados *desalmado* e *desdentado*. (4)

É importante observar que alguns casos podem ser interpretados de diferentes maneiras, conforme exemplificado em (7):

- (7) desarmado (sem armas/paciente da
 ação de desarmar/o contrário de armado)

Entretanto, quase sempre contextos específicos selecionam uma das possíveis interpretações, em detrimento das outras, como se vê em (8) e (9):

- (8) João saiu desarmado (=sem armas)

(9) João foi desarmado (=paciente da ação de desarmar)

Ou seja, além de casos em que a análise semântica da formação aponta para a derivação parassintética como uma descrição mais adequada, temos também casos em que a ambigüidade de interpretação força a postulação de duas ou mais estruturas. Os casos vistos em (5) a (9), portanto, mostram a necessidade de se estabelecer um processo de derivação parassintética na formação de adjetivos em português:

(10) [b]S---> [des[b]ado]Adj
 B [NEG[B]PROVIDO DE]MOD
 (=sem B)

A-X-ado

Outro processo de derivação parassintética na formação de verbos é o que se constitui na adição simultânea do prefixo a- e do sufixo -ar a adjetivos ou substantivos. Alguns exemplos são:

(11) atapetar "colocar tapete"
 apimentar "colocar pimenta"
 aconselhar "dar conselhos"
 acalmar "tornar calmo"

Pelo tratamento tradicional, construções do tipo a-X-ado são analisados como Particípio do verbo a-X-ar correspondente. Esta é, com efeito, a estrutura mais freqüentemente encontrada. Alguns exemplos:

(12) acorrentado "paciente da ação de

acorrentar"	
abençoado	"paciente da ação de
abençoar"	
amaciado	"paciente da ação de
amaciar"	

Em (12), como em outros Particípios, temos uma derivação sufixal e, como as formações a-X-ar são sobretudo agentivas, o Particípio é um adjetivo que qualifica o substantivo como paciente da ação verbal. Temos, portanto, a estrutura (13):

- (13) [[a[b]a]V do]Adj(PP)
 [[ATO DE B]PACIENTE]MOD

Além destes casos, temos também construções em que, a partir de uma base b, operam simultaneamente a adição do prefixo a- ("(para)junto de") e do sufixo -ado ("provido de, caracterizado por"). Alguns exemplos estão em (14):

- (14) acinzentado "meio cinzento"
 arredondado "quase redondo"
 apressado "com pressa"
 apatetado "feito pateta"

Nesses casos, a estrutura é como em (15):

- (15) [a[b]ado]Adj
 [PRÓXIMO[B]CARACTERIZADO/PROVIDO]
 MOD (=meio B, com B)

Uma instância particular de formações a-X-ado é aquela em que X é um nome pátrio. Nesse caso, temos a interpretação PRÓXIMO A tomando a feição de TER

CARACTERÍSTICAS DE. Alguns exemplos estão em (17):

- (17) afrancesado
 abrasileirado
 achinesado
 acariocado

Também as formas a-X-ado podem ser interpretadas de duas maneiras. Considerem-se os exemplos abaixo:

- (18) Esta pedra já foi acinzentada
 a. já teve tom próximo ao cinza
 b. já sofreu o processo de acinzentar

- (19) Quero a boneca achinesada
 a. a boneca com traços chineses
 b. que se achinese a boneca

A possibilidade da dupla interpretação de formas a-b-ado com significado "próximo a", "tendo características de" é natural: dado o significado "próximo a" e a semelhança do sufixo formador de adjetivo -ado com o Particípio -do precedido de vogal temática -a-, qualquer formação a-b-ado gera, pelo menos potencialmente, um verbo correspondente a-b-ar, por formação analógica, dada a pressão paradigmática da correlação Verbo/Particípio Passado. Assim, formações de estrutura [a[b]Adj ado]Adj via de regra apresentam uma contraparte [[aba]V do]Adj(PP). Apesar disso, entretanto, é necessário estabelecer as duas estruturas para dar conta dos dois significados possíveis.

En-X-ado

Também temos na formação de verbos o processo de adição simultânea do prefixo en- e do sufixo -ar a substantivos, conforme exemplificado em (20):

- | | |
|-----------------|------------------|
| (20) encaixotar | "pôr em caixote" |
| empalhar | "pôr palha em" |
| empilhar | "pôr em pilha" |

Verbos como os de (20) apresentam formas de Particípio que funcionam como adjetivo, exemplificadas em (21):

- | | |
|------------------|----------------------------------|
| (21) encaixotado | "paciente da ação de encaixotar" |
| empalhado | "paciente da ação de empalhar" |
| empilhado | "paciente da ação de empilhar" |

A estrutura correspondente está em (22):

- (22) [[en[b]S a]V do]Adj(PP)
 [[ATO DE B]PACIENTE]MOD

Também em seqüências en-b-ado encontramos um outro tipo de formação, em que, a partir de uma base b, temos a adição simultânea do prefixo en- ("em") e do sufixo -ado ("provido de"), como em (23):

- | | |
|------------------|--------------------|
| (23) empistolado | "que tem pistolão" |
| encalorado | "com calor" |
| enciумado | "com ciúme" |

Ao contrário dos casos de (21), os de (23) não podem ser interpretados como "paciente da ação de", como vemos em (24):

(24) *João foi muito empistolado pelo governador

*Maria foi muito encalorada pelo sol do meio-dia

*Enciumado por Maria, João se embriagou.

A estrutura dos casos de (23) é a de (25):

(25) [en[b]S ado]Adj
 [EM[B]PROVIDO]MOD
 (=com B, cheio de B)

Neste caso, ao contrário das formações estudadas anteriormente, as formas ambíguas são raras, apesar da ambigüidade potencial. Um exemplo, entretanto, é apresentado em (26):

(26) O menino foi encasacado para o cinema

a. alguém encasacou o menino

b. o menino estava com casacos

Temos, portanto, a mesma situação de dupla interpretação que, instanciada ou não na mesma construção, força a postulação de estrutura de derivação parassintética para formações en-b-ado, ao lado da construção sufixal correspondente ao Particípio Passado de verbos en-b-ar.

Concluindo, mostramos nesta seção que em três casos de seqüência Pref-b-(a)do é necessário estabelecer processos de derivação

parassintética para dar conta da interpretação semântica de seus produtos.

Formações em -vel

Nesta seção pretendo estudar as seqüências in-b-vel em português e propor que existem duas estruturas subjacentes para estas formas de adjetivo: a de derivação prefixal e a de derivação parassintética.

De acordo com a abordagem tradicional, toda formação in-b-vel deve ser analisada como uma construção em que o prefixo -in se adiciona a um adjetivo de estrutura b-vel. Esta análise é claramente a mais adequada para casos como os de (27),

- (27) a. O problema era incontornável
- b. O texto era ilegível
- c. Era um argumento incontestável

como mostram os dados de (28) e (29):

- (28) O problema era contornável
- O texto está legível
- Este argumento é contestável

- (29) *incontornar o problema
- *iler o texto
- *incontestar o argumento

Ou seja, dado que não podemos ter formações verbais com o prefixo negativo in- e que a forma in-b-vel corresponde à pura e simples negação da forma b-vel correspondente, impõe-se nesses casos a análise da formação como prefixal, tendo a estrutura abaixo:

- (30) [in[B-vel]Adj]Adj
 [NEG[B]]MOD

Mas os casos acima não esgotam as possibilidades. Podemos também encontrar casos em que a formação in-b-vel parte de uma base verbal a que se adicionam simultaneamente o prefixo in-("negação") e o sufixo -vel ("potencialidade") para a formação de um adjetivo cujo sentido corresponde à não possibilidade de concretização do que se expressa no processo verbal. Considerem-se os exemplos em (31):

- (31) a. Maria permaneceu inabalável
 b. Foi uma noite interminável
 c. A viúva estava inconsolável
 d. Ana estava irresistível

Ao contrário de (27), os casos de (31) não apresentam contraparte positiva:

- (32) a. *Maria permaneceu abalável
 b. *Foi uma noite terminável
 c. *A viúva estava consolável
 d. *Ana estava resistível

Observe-se que em muitos casos a contraparte positiva pode ser usada, mas em outras formações que não -vel:

- (33) a. Maria estava abalada
 b. A noite estava terminada
 c. A viúva foi consolada

É importante, de resto, observar que, também ao contrário de (27), os casos de (31) correspondem via de regra a construções não

transitivas:

- (34) a. Maria não se abalou
 *Maria não foi abalada
 b. A noite nunca termina
 *A noite não foi terminada
 c. O velho nem se perturba
 O velho não foi perturbado
 d. Ninguém resiste a Ana
 *Ana não foi resistida

Vemos, portanto, que há dois tipos de formas in-b-vel: a primeira, formada pela adição do prefixo negativo -in a uma base adjetiva b-vel, em que o verbo é basicamente transitivo; e a segunda, formada pela adição simultânea do prefixo negativo in- e do sufixo -vel a uma base verbal essencialmente não transitiva.

A combinação do significado "potencialidade" do sufixo com o significado "negação" do prefixo traz como resultado a idéia da impossibilidade de realização do processo verbal, o que propicia a este tipo de formação um uso freqüentemente enfático, ao contrário da mera prefixação. Confrontem-se os dados em (36) e (37): (5)

- (36) a. Esse filme é imperdível
 *?O filme não é perdível
 b. Isto é impensável
 *?Isto não é pensável
 c. A cerimônia não é terminável
 *?A cerimônia não é terminável
- (37) a. Este texto está ilegível
 Este texto não está legível
 b. Esta doença é incurável

- Esta doença não é curável
 c. A proposta é inviável
 A proposta é viável

Em (37), a forma tem um equivalente não prefixal enquanto em (36) este equivalente não é possível no contexto ou, no mínimo, soa muito estranho.

Os dados de (31) a (37) evidenciam a necessidade de se postular uma estrutura de derivação parassintética para descrever formações in-b-vel que apresentem características diferentes das de formação prefixal. A estrutura correspondente seria como em (38):

- (38) [in[b]V vel]Adj
 [NEG[B]POTENCIAL]MOD
 (= que não se B)

Outras Formações Adjetivas

Ainda em outras formações adjetivas vamos encontrar situações para as quais a análise por derivação parassintética é a mais adequada.

Dentre essas, temos inicialmente formações envolvendo o prefixo sub- e sufixos formadores de adjetivo. Consideremos a situação ilustrada em (39):

- (39) a. Existem veias capilares e subcapilares: aquelas são mais finas do que estas.
 b. A região subcapilar é aquela que se situa sob os cabelos.

Os dados de (39) apontam para a existência de

duas construções. No caso a., temos a utilização de sub- com o significado "próximo à categoria de". Nesta acepção, o prefixo se combina normalmente com adjetivos, conforme ilustrado em (40).

- (40) subcapilar "que é quase tão
tênue quanto um cabelo"
subelíptico "quase elíptico"
subcircular "que não é
apropriadamente circular"
subcilíndrico "que se aproxima da
forma cilíndrica"

Já em b. temos o uso de sub- na acepção de "posição sob", tendo por escopo, portanto, o substantivo e nunca um adjetivo. Outros exemplos estão em (41):

- (41) subapical "situado abaixo do
ápice"
subcostal "situado debaixo das
costelas"
subcaudal "situado por baixo
da cauda"
subendocárdico "situado abaixo do
endocárdio"

Nos dados de (41), portanto, temos uma base b denotando uma localização e a adição simultânea de sub-, indicando "posição abaixo" e um sufixo que tem apenas a função gramatical de formar um adjetivo. (6)

Portanto, temos em a. e b. de (39) a ilustração de duas estruturas diferentes, que especificamos em a. e b. de (42):

- (42) a. [sub[b]Adj]Adj

- [QUASE[B]MOD
 b. [sub[b]S Suf]Adj
 [POSIÇÃO SOB[B]]MOD

Em (42), apenas o prefixo tem função semântica. Trata-se, pois, de um caso de derivação parassintética em que se combina uma função semântica do prefixo com uma função apenas gramatical do sufixo.

Um outro caso de formação parassintética de adjetivos é o que ocorre com o prefixo anti- em formações como anti-febril, anti-reumático, etc. Observe-se que nestas construções anti- não determina o adjetivo:

- (43) a. O estado dela era febril
 b.*O estado dela era anti-febril
 c. Ela sofria de febre reumática
 d.*Ela sofria de febre anti-reumática

Ao contrário, anti- determina um substantivo que é a base do adjetivo. Assim, anti-febril corresponde a "contra a febre", anti-reumático a "contra o reumatismo", e assim por diante. Esta situação exige uma análise em que temos uma adição simultânea do prefixo anti- a uma base substantiva e do sufixo formador de adjetivo, o qual, novamente, tem uma função apenas gramatical.

A estrutura das formações como anti- é equivalente à apresentada em (42)b., apenas variando a função semântica do prefixo. Esta estrutura poderá ser encontrada com uma variedade de prefixos e elementos prefixados. Assim, por exemplo, formações como internacional, interplanetário, multi-

nacional, supersônico, transoceânico, etc. correspondem não propriamente à combinação do prefixo com o adjetivo, mas à simultânea ante-posição do prefixo e adjetivação da base substantiva que é o escopo do prefixo.

Os casos aqui apresentados mostram a importância do processo de derivação parassintética na constituição do léxico do português. Evidencia-se, por outro lado, a importância do fator semântico na descrição de processos de formação e estabelecimento de diferentes estruturas em formações morfológicas complexas.

(recebido em 18/10/90)

NOTAS

(1) V. Basílio (1987), pp. 43-47.

(2) Esta complexidade semântica se relaciona com o grau de afastamento semântico entre a construção morfológica e suas partes, que é intensificado no caso de formações parassintéticas. A questão da irregularidade semântica em construções lexicais e dos diferentes graus de transparência semântica em construções parassintéticas está sendo investigado em detalhe por M.H. Martins (PUC/RJ).

(3) MOD é abreviação de "Modificador", aqui considerado como a contraparte semântica de "adjetivo".

(4) Dados como esses são tratados de maneira variada. No Aurélio, por exemplo, *desmiolado* tem dupla análise: des+miolo+ado ou Part. de *desmiolar*. Já *despudorado* viria de *despudor+ado*. Encontramos análogas variações de análise em diferentes estruturas

pesquisadas ao longo deste trabalho. Esclareço, contudo, que uma pesquisa detalhada do tratamento desses casos em dicionários não foi feita e não faz parte dos objetivos do artigo.

(5) Estou usando o símbolo composto *? para indicar formações que, embora morfologicamente aceitáveis, são incabíveis em termos da função enfática. A oposição inaceitável/incabível precisa ser aprofundada, mas isto está fora do escopo do presente trabalho.

(6) Se o escopo de sub- fosse o adjetivo, a interpretação seria a mesma que em (40).

(7) Para uma análise detalhada dessas formações, v. Bastos (1989).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASÍLIO, M. (1987) *Teoria Lexical*. São Paulo: Ed. Ática.

BASTOS, L.C. (1989) "Os prefixos negativos a- e anti-". In: M. BASÍLIO, *Cadernos de Lingüística e Língua Portuguesa*, v.1. Rio de Janeiro: PUC/RJ.

FERREIRA, A.B.H. (1986) *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.